



EXPRESSÃO IDIOMÁTICA E INTEGRAÇÃO LUSÓFONA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGÜÍSTICA E PRAGMÁTICO-CULTURAL

Flavio Biasutti VALADARES¹

RESUMO: O artigo analisa a expressão idiomática sob o viés de abordagem sociolinguística e pragmático-cultural. Parte da ideia, por nós defendida, de que há uma integração que consideramos como ponto de contato, legitimando uma interconexão lusófona. Objetiva avaliar a expressão selecionada quanto à construção de sentido comum no Brasil, em Cabo Verde, em Moçambique e em Portugal, a fim de situá-la em mesma perspectiva de sentido, provando seu uso como intercultural. Adota como referencial teórico Biderman (2011), Brito e Hanna (2010), Urbano (2008), Valadares (2016a, 2016b) e Xatara (1998, 2014). Utiliza como procedimento metodológico a seleção de textos jornalísticos que contêm a expressão idiomática *Dar o braço a torcer* e respectiva análise considerado o escopo sociolinguístico e pragmático-cultural; conclui que a cultura lusófona está integrada à medida que se verificam aproximações culturais por meio de expressões idiomáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Lusofonia. Intercultura. Expressão idiomática.

¹Pós-Doutorado em Letras: Estudos Lusófonos – Mackenzie-SP / Doutorado em Língua Portuguesa – PUC-SP / Docente IFSP – Departamento de Humanidades – *Campus* São Paulo.
Endereço eletrônico: flaviovaladares2@gmail.com

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta a análise da expressão idiomática “Dar o braço a torcer” nos seguintes países lusófonos: Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal. Para tanto, optamos por textos jornalísticos² recolhidos de sítios dos países selecionados, com vistas a constatar afinidades sociolinguísticas e pragmático-culturais aportadas via uso da expressão pela qual verificamos constituir uma utilização comum. Dessa maneira, avaliamos seus efeitos no que se refere ao sentido construído no interior da cultura do país lusófono e, conseqüentemente, desvelamos semelhanças em seu emprego, no que se refere ao âmbito intercultural.

Ponderando que “as diferenças levam-nos a considerar a cultura lusófona como a totalidade dos padrões comportamentais transmitidos socialmente (artes, crenças, instituições e outros produtos do trabalho humano e pensamento característico de uma comunidade)”, como sustentam Brito e Hanna (2010, p. 84), entendemos que o uso de expressões idiomáticas repercute não apenas na cultura, mas nas variedades da língua, motivo pelo qual nossa análise encontra eco ao pensar a integração lusófona.

Defendemos que:

o espaço lusófono se caracteriza não apenas pelo uso oficial de uma língua comum, mas também, por realizações linguísticas que extrapolam tão-somente estruturas, indo além disso, com um uso de sentido em cada cultura que se estende à compreensão nas várias culturas lusófonas, assinalando, neste espaço, o aspecto intercultural. (VALADARES, 2016a, p. 167-168)

Posto isso, compreendemos a comunidade lusófona como um híbrido cultural que permite trocas e que pode se configurar como um espaço intercultural na construção de sentidos semelhantes por meio do uso de expressões idiomáticas. Dessa forma, nossa tese vem abarcar a ideia de que os países do mundo lusófono estão interligados por aquilo que denota algo bastante específico num grupo sociocultural que é a expressão idiomática.

² Optamos por reproduzir parcialmente os textos, a fim de tornar a leitura mais fluida, garantindo contexto mínimo para compreensão do uso da expressão idiomática.

A EXPRESSÃO IDIOMÁTICA E A INTERCULTURA: PENSANDO A INTEGRAÇÃO LUSÓFONA

Na acepção do que seja uma expressão idiomática, amparamo-nos em Xatara (1998, p. 170): “[expressão idiomática é] uma lexia complexa, indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” e em Biderman (2011, p. 756): “[as expressões idiomáticas] vão sendo armazenadas na memória individual e na memória coletiva e passam a fazer parte do léxico da língua”.

Urbano (2008, p. 38) observa que as expressões idiomáticas caracterizam-se em termos de índice significativo da linguagem popular, mesmo que não lhe seja exclusiva. Ele indica que “de vez que aparecem com certa frequência no texto escrito, de modo esporádico ou mais planejado e estrutural, com maior ou menor fidelidade às formas originais ou retextualizadas”. Nesse sentido, indicamos que a opção por levantamento de *corpus* em textos jornalísticos ratifica o que Urbano atesta, uma vez que o texto escrito comporia um acervo de uso mais sedimentado em um espaço linguístico, ou seja, se a expressão idiomática é utilizada em um texto de jornal, ela compõe e faz parte simultaneamente do que a cultura empreende.

Nesse ponto, sustentamos que há igualdades naquilo que se poderia pensar como diferenças que pudessem levar a um distanciamento das culturas lusófonas, mas que, ao contrário, é fator de aproximação na construção de uma cultura comum lusófona. Também, que possibilidades interculturais de integração configuram um lugar de aproximação que ultrapassa o linguístico apenas.

Além do aspecto de apropriação em texto jornalístico, é válido acastelarmos, partilhando da visão de Xatara e Seco (2014), que as semelhanças que ocorrem no interior das expressões idiomáticas promovem contatos interlinguísticos em diferentes culturas e propiciam a troca desses dados culturais entre as diversas sociedades, ou seja, de suas visões de mundo, ideologias e escalas de valores, o que abona nossa tese do contato intercultural e de integração lusófonos. Aqui, cumpre-nos destacar que a seleção de uma expressão idiomática e seu consequente uso com circulação na mídia jornalística ratifica o contato interlinguístico por meio da troca de dados culturais, visto que várias das expressões idiomáticas utilizadas

em diferentes países de língua oficial portuguesa mantêm mesma base de sentido e pouca ou nenhuma diferença morfossintática em sua estrutura.

A partir da ideia de como a expressão idiomática funciona em uso real, pensamos a intercultura como o espaço no qual a circulação de uma expressão idiomática pode ocorrer de maneira a salvaguardar a integração cultural que defendemos, já que isso está posto nas próprias escolhas que os usuários da língua fazem ao selecionarem determinada expressão idiomática para figurar em um texto de cunho jornalístico.

Frisamos que a noção de intercultura, por nós adotada, remete ao conceito defendido por Fleuri (2005), de um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade, isto é, fomentando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos. E mais:

A intercultura vem se configurando como um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constitutivos de campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero e de ação social. (FLEURI, 2005, p. 103)

Fleuri (2005, p. 119) refere-se a um campo complexo em que se entretecem múltiplos sujeitos sociais, diferentes perspectivas epistemológicas e políticas, diversas práticas e variados contextos sociais. Enfatizar o caráter relacional e contextual dos processos sociais, segundo ele, permite reconhecer a complexidade, a polissemia, a fluidez e a relacionalidade dos fenômenos humanos e culturais.

Por fim, é importante explicitarmos sobre a dimensão do que significa cultura. Há, conforme Díaz-Couder (1998, p. 19-20), a cultura material, a cultura como saber tradicional, a cultura como instituição e organização social, a cultura como visão de mundo e a cultura como práticas comunicativas. Aqui, consideramos, para sustentar a integração lusófona, a cultura como práticas comunicativas na qual, segundo o autor, seja o aspecto mais recentemente desenvolvido da cultura:

La considera desde una perspectiva interaccional y comunicativa, es decir, como una praxis y no como un sistema. Desde este punto de vista la cultura estaría constituida por prácticas comunicativas que nos permiten entender la producción y transacción de significados en la interacción social y culturalmente situada³. (DÍAZ-COUDER, 1998, p. 20)

Ou seja, na cultura como práticas comunicativas, podemos pensar como uma maneira que une a tradição – expressão idiomática – ao que a globalização pode propiciar em termos de trocas culturais. Nessa perspectiva, interação e comunicação constituem-se sob o viés da cultura como uma prática, sendo a possibilidade mais efetiva de estabelecer contatos por meio da integração cultural.

Assim, para este artigo, ao selecionarmos a expressão idiomática *Dar o braço a torcer*, reiteramos nosso posicionamento de que há integração lusófona à proporção que podemos pensar em usos selecionados para construções de textos jornalísticos de expressões idiomáticas comuns aos países lusófonos e, mais, que isso pode definir o delineamento da interculturalidade que defendemos em nossas pesquisas sobre o espaço lusófono, por meio de uma cultura material a partir da disponibilidade do aparato sociolinguístico e da perspectiva pragmática de uso.

BRASIL, CABO VERDE, MOÇAMBIQUE E PORTUGAL: A EXPRESSÃO IDIOMÁTICA “DAR O BRAÇO A TORCER”

Para a análise do *corpus*⁴, selecionamos a expressão idiomática “Dar o braço a torcer”, presente em textos jornalísticos, com vistas à caracterização do processo de construção de sentido comum aos países lusófonos escolhidos para pesquisa. A partir disso, estabelecemos as aproximações lusoculturais, o que representa um dado intercultural que fundamenta nossa asserção de contato supralinguístico no espaço lusófono. Este *corpus* conforma-se com nosso objetivo, visto que a mídia impressa de um país reproduz seu espírito de época (Princípio da

³ É considerada a partir de uma perspectiva de interação e comunicação, isto é, como uma prática e não um sistema. Deste ponto de vista, a cultura consistiria em práticas comunicativas que nos permitem entender a produção e comercialização de significados na interação social e culturalmente situados. [tradução nossa]

⁴ A escolha da expressão idiomática *Dar o braço a torcer* seguiu levantamento anteriormente realizado para o trabalho VALADARES, Flavio Biasutti. Expressões idiomáticas em países lusófonos: a construção de efeitos de sentidos na intercultura. In: BRITO, Regina Pires de; BASTOS, Neusa Barbosa; BRIDI, Marlise Vaz. *Estudos Lusófonos: múltiplos olhares*. São Paulo: Terracota Editora, 2016. (Coleção Lusofonia, 3). p. 145-171.

Contextualização – KOERNER, 1996); para além, trata-se de um veículo para a transmissão de um saber compartilhado, em que algumas atitudes linguísticas são motivos de demarcação de espaço, de identidade cultural e de elaboração do perfil de uma comunidade. (VALADARES, 2014)

É importante, também, observarmos que a formalidade no uso da língua que um texto jornalístico prevê contribui, de certo modo, para que nossa escolha metodológica encontre eco na ideia de que utilizar expressões idiomáticas em textos presumidamente escritos em norma culta indicia a forte influência que tais usos exercem sobre os usuários do idioma, ou seja, o fato de uma expressão idiomática figurar em um texto de mídia impressa de cunho jornalístico ratifica sua influência naquela cultura, enraíza-se como uso cotidiano daquela sociedade.

Corroboramos, também, que a abordagem de análise prevê o instituto do aspecto sociolinguístico e pragmático-cultural, sendo este relacionado ao fato de que a escolha da expressão idiomática dá-se por uma questão pragmática, no sentido de que se trata de uso presente no cotidiano da comunidade sociolinguística, e cultural, ao observar que representa uma prática comunicativa nas interações dos grupos sociais.

Antes de passarmos à análise, informamos que a expressão idiomática “Dar o braço a torcer” tem sua origem, conforme Pimenta (2004), nos tempos de torturas físicas da Inquisição, tem o sentido mudar de ideia, isto é, retornar em uma decisão, colocar o orgulho de parte, ceder, alterar uma decisão, reconhecer um erro.

No exemplo retirado de Cabo Verde, verificamos que o uso da expressão é feito pela própria jornalista e que tal uso está posto como forma de evidenciar a não opção da ministra de assumir a possível culpa pelo atraso nas obras. Há outro fato importante quanto à escolha da jornalista: ela utiliza “batata quente” para uma espécie de contraposição à expressão “dar o braço a torcer” em uso precedido de um advérbio de negação, gerando uma construção bastante peculiar na qual se manifesta que a ministra não assumirá o problema apontado e que o empreiteiro é quem deveria “dar o braço a torcer” e explicar o motivo pelos atrasos – reconhecer seu erro.

TRECHO – CABO VERDE⁵

E nesta semana, a Ministra da Educação e Desporto realizou uma visita de três dias à ilha de São Nicolau e os atrasos nas obras de construção do novo Liceu do Tarrafal estiveram no centro das atenções. A ministra Fernanda Marques não esteve disposta a dar o braço a torcer para assumir os presumíveis erros cometidos pelo ministério que tutela e preferiu passar a batata quente para as mãos do empreiteiro da obra, a empresa cabo-verdiana Tecnicil.

Considerado o contexto no qual a expressão fora utilizada, é-nos evidente que a jornalista traduz um pensamento de grupos sociais de modo geral, sem um público-alvo específico, já que figura em um sítio com acesso irrestrito. Ainda assim, podemos inferir que o aspecto sociolinguístico com vistas a propiciar um texto que exiba variações e não esteja em norma culta, relativamente ao léxico selecionado, caminha para uma concepção de circular de maneira mais efetiva para que o produto textual tenha um alcance maior.

Isso se observa no próprio uso da expressão “batata quente”, que não seria admitido, em princípio, para um texto jornalístico, mas que a jornalista seleciona e enfatiza, até pelo contraponto que faz com a expressão idiomática “dar o braço a torcer”. Assim, sob viés sociolinguístico, é possível salientarmos que o texto se diversifica, prescindindo de usos considerados mais cultos, com vistas a observar os aspectos da cultura lexical que pode remeter àqueles leitores.

Além disso, do ponto de vista pragmático, o uso tanto da expressão idiomática “dar braço a torcer” quanto de “batata quente”, expressão de cunho altamente popular, denotam uma orientação pragmática na qual o ato de discurso suscita a ideia de que o desempenho naquele contexto obterá maior êxito para o sítio, uma vez que levará a um entendimento da ação verbal ali exposta de forma mais direta ao público-leitor. Também, tal uso como prática comunicativa que se insere em âmbito cultural evidencia que a jornalista se vale de seu conhecimento daquela cultura, até mesmo por sua própria inserção ali, a fim de poder compreender que os usos selecionados atendem ao que aquele grupo social espera: que não haveria rechaçamento por se ter optado pela expressão idiomática, justamente pelo

⁵ Disponível em <http://noticiasdonorte.publ.cv/20373/ministra-da-educacao-nao-resolve-incognita-sobre-atrasos-nas-obras/> Acesso em 11.ago.2014. O texto integral encontra-se no anexo.

entendimento de que ela circula naquela cultura com uma construção de sentido comum, pressupostamente, a todos.

O segundo exemplo selecionado, de um sítio de Moçambique, traz, assim como o uso em Cabo Verde, o jornalista moçambicano projetando igualmente o sentido: o de que o presidente da CTA utiliza a expressão chamando o Executivo a alterar sua decisão e admitir a necessidade de reconhecer um fato para o qual ele não parecera fazê-lo.

Ao se utilizar da expressão, usa aspas para “braço a torcer”, indicando uma linha de ordem pragmática, visto que ressalta, via linguagem, uma maneira de mostrar o núcleo idiomático que carrega com o intuito de chamar a atenção do leitor para a construção de sentido pretendida e frisar que o Executivo precisa retornar em sua decisão, deixar o orgulho de lado, isto é, ceder a partir do que sustenta para que a estabilidade retorne.

Além da escolha da expressão idiomática, o conjunto sociolinguístico selecionado pelo jornalista reitera um processo de uso da língua que enxerga na seleção de léxicos mais populares a questão cultural, como em “no troço” e em “deitam por terra”, legitimando tal conjunto tanto na esteira da cultura quanto na diversidade sociolinguística e de ordem pragmática que apresenta.

TRECHO – MOÇAMBIQUE⁶

Rogério Manuel chamou igualmente o Executivo no sentido de dar o “braço a torcer” no sentido de rapidamente se restabelecer a estabilidade no país.

Para o presidente da CTA, os ataques retomados no fim-de-semana no troço entre Muxúnguè e rio Save não abonam em nada o país e só deitam por terra os investimentos financeiros realizados pelo empresariado nacional, principalmente nas zonas rurais.

Na observação dos dois exemplos, já podemos verificar um uso de mesma matriz, com construção conceitual idêntica e com utilização em contextos similares. Nesse ponto, recuperamos nossa tese de que há uma integração sociolinguística e pragmático-cultural nos países lusófonos quando se utilizam de uma mesma expressão idiomática sobejando as mesmas construções de sentido com formas linguísticas que remetem a uma concepção de interconexão.

⁶ Disponível em <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/15286-armas-nao-resolverao-problema-da-renamo> Acesso em 11.ago.2014. O texto integral encontra-se no anexo.

Prosseguindo com nossa análise, trazemos o terceiro exemplo selecionado: uso em texto jornalístico de Portugal. Assim como utilizado em Cabo Verde e em Moçambique, no país luso, a construção se deu de mesmo modo, o que permanece a encaminhar nossa tese de integração lusófona. No uso português, as aspas parecem querer chamar atenção para um fato que resume algo bastante peculiar naquela cultura. Interessante observarmos que o conteúdo da matéria refere-se a uma questão internacional, da crise grega, até então negada pelo governo daquele país.

Aqui, reforçamos a ideia de que houve uma escolha que denota um uso bastante peculiar ao integrar um assunto que trata de um aspecto da comunidade europeia para um texto jornalístico que, em princípio, circularia em Portugal com interesse mais restrito talvez, mas que, ainda assim, elegeu a expressão idiomática para explicar contextos e remeter a ideias específicas; em outros termos, produziu sentido para o leitor de língua portuguesa a partir de uma noção da cultura e do ato pragmático revestido pela expressão, bem como uma espécie de preferência por um uso sociolinguístico ao prescindir do uso culto para explicar a alteração do governo grego ao admitir a crise financeira e econômica e pedir ajuda financeira.

TRECHO – PORTUGAL⁷

O primeiro resgate na zona euro devido à crise financeira e econômica foi protagonizado pela Grécia, com o governo então liderado pelo socialista George Papandreou a “dar o braço a torcer” após muitos meses de “negação”, e perante forte pressão dos seus parceiros europeus, e a pedir um pacote de assistência financeira de 110 mil milhões de euros.

As aspas neste contexto tomam a expressão integralmente, o que não ocorreria no exemplo de Cabo Verde – sem uso de aspas – e no de Moçambique – com uso das aspas para “braço a torcer”. Isso pode significar um modo distinto de ver o uso da expressão idiomática, ressaltando um ponto de construção notado com maior ou menor ênfase, mas que não remete a uma diferença significativa do ponto de vista pragmático, já que o idiomatismo selecionado ocupa uma posição de uso abarcado pela cultura neste espaço com um viés de adoção sociolinguística baseada na diversidade da língua.

⁷ Disponível em http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content_id=3833344. Acesso em 11.mai.2014. O texto integral encontra-se no anexo.

No exemplo retirado do Portal Imprensa, do Brasil, na matéria *Repórter fotográfica fala sobre o preconceito de gênero no jornalismo*, tem-se um texto eminentemente expositivo no qual a jornalista descreve a trajetória de uma jornalista que iniciou sua carreira em uma editoria considerada bastante masculina – a de assuntos relacionados à área policial. O texto alterna trechos de discurso direto sobre a vencedora do prêmio com inserções da jornalista que reiteram o aspecto da importância para a discussão sobre gênero no jornalismo a partir do fato de que uma mulher, como repórter fotográfica da editoria de polícia, conseguiu destaque, tendo sido premiada por seu trabalho.

Ao identificarmos a natureza da matéria, quanto à questão pragmático-cultural, no que se refere ao uso da expressão idiomática *Dar o braço a torcer*, é possível a compreensão de que seu uso foi feito pela própria produtora da matéria, o que indicia um ponto importante para a escolha, visto que houve um frisar bem pontuado pela sequência “E não deu”, destacando um viés positivo para o fato descrito, com uma dupla negação, fato típico no Português do Brasil, isto é, um uso da expressão idiomática conjugado com uma construção de sentido que remete a uma justaposição semântica importante para caracterizar uma espécie de contracultura a partir de uma utilização pragmática da expressão.

Sob a ótica sociolinguística, podemos afirmar que a dupla negação ancorada por uma coordenada assindética lança também a questão sociocultural presente entre os usuários brasileiros, que tomam a dupla negação como resultado para algo afirmativo, isto é, a homenageada *não quis dar o braço a torcer e não deu*, como uma maneira de expressar um fato positivo, principalmente se considerarmos a adversão contida no início do período com pistas de aditiva. Isso acusa uma utilização lexical e de construção sintático-semântica tipicamente do Português do Brasil.

Contudo, o uso da expressão idiomática não se distancia da regra de uso que verificamos nos exemplos dos outros três países selecionados; em outras palavras, o idiomatismo manteve seu princípio norteador de sentido para uso em um cenário sociocultural com contexto pragmático identificado e certificado como passível de uma construção que atesta o uso na cultura brasileira, demonstrando sua diversidade de escolhas léxico-pragmáticas. Assim, a escolha da expressão traduz a síntese de um pensamento encharcado na

cultura brasileira e abarca integralmente a ideia de alterar uma decisão, como se pode verificar na matéria transcrita parcialmente a seguir:

TRECHO – BRASIL⁸

Annaclarice Almeida começou sua carreira em uma das editorias mais masculinas do jornalismo: a área de polícia. Há quase 20 anos, em Pernambuco, o cenário não era dos mais animadores para mulheres que faziam esse tipo de cobertura, mas a repórter fotográfica não quis dar o braço a torcer. E não deu.

A partir dos quatro exemplos selecionados, finalizamos ressaltando um primeiro aspecto a ser observado sobre Cabo Verde, Moçambique e Portugal, que fizeram um uso da expressão que se relaciona a um ponto negativo, envolvendo conteúdo de ordem política e/ou socioeconômica; de outra forma, o uso feito pela jornalista brasileira apresenta algo positivo no uso da expressão, uma vez que se configura um a mais na trajetória da retratada ao evidenciar sua atitude de mudança. Entretanto, isso não invalida o fato de que a expressão é utilizada com o mesmo sentido nos quatro países lusófonos pesquisados.

Com isso, unindo as análises realizadas, indicamos a aplicação dos conceitos de diversidade linguística, uso pragmático da língua e escolha cultural para a construção de sentido ao constatarmos no contexto de uso de cada um dos exemplos de expressão idiomática a junção de tais conceitos, permitindo-nos reafirmar a perspectiva de integração lusófona, já que encontramos a apropriação de diferentes organizações discursivas, o conhecimento de mundo, as intenções comunicativas e o conhecimento de regras e normas de interação que constituem o patrimônio cultural de um povo.

Por fim, reiteramos que a língua é definida pela cultura e a percepção do mundo por determinada sociedade está balizada pela língua que utiliza. Além disso, é importante o entendimento de que a comunidade sociolinguística e os aspectos pragmático-culturais designam a forma como os diversos membros de um grupo social utilizam a linguagem para responder às suas necessidades sociais e comunicativas, ou seja, um grupo social também se define pelo que diz ou não diz e pela forma como o diz. (VALADARES, 2016b)

⁸ Disponível em:

<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/64514/reporter+fotografica+fala+sobre+o+preconceito+de+genero+no+jornalismo>. Acesso em 11.maio.2014 O texto integral encontra-se no anexo.

CONCLUSÃO

Com a análise da expressão idiomática “Dar o braço a torcer”, nossa pesquisa ratifica que há uma relação bastante aproximada em sua construção de sentido nos exemplos selecionados, ou seja, o espaço lusofalante apresenta a aproximação, defendida por nós, que caracteriza uma interconexão conjugando um espaço de integração. Nesse aspecto, cumpre-nos reiterar que uma expressão idiomática é simbólica em uma cultura, visto seu estabelecimento em termos de semelhança nos contextos de uso, como o pesquisado: mídia jornalística.

Para além, como salienta Martins (2012), a visão do mundo de uma comunidade pode ser constatada via uso das expressões idiomáticas. Isso se prova em países lusofalantes ao se ver a cultura de modo próximo, permitindo nosso entendimento da aproximação que defendemos acerca das culturas lusofalantes, em seus variados pontos de contato, assim como em aspectos sociolinguísticos e pragmáticos, a partir da interculturalidade.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, M. T. C. *Unidades complexas do léxico*. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>.>, 2011. Acesso em 03.jul.2016.
- BRITO, R. H. P. de; HANNA, V. L. H. Sobre identidade em contexto lusófono. In: BASTOS, N. B. (org.) *Língua portuguesa: cultura e identidade nacional*. São Paulo: IP-PUC-SP; EDUC, 2010.
- DÍAZ-COUDER, E. Diversidad Cultural y Educación en Iberoamérica. *Revista Iberoamericana de Educación*. Número 17, Educación, Lenguas, Culturas, Mayo-Agosto 1998. Disponível em <http://rieoei.org/oeivirt/rie17a01.htm> Acesso em 18 jul.2017.
- FLEURI, R. M. Intercultura e educação. *Educação, Sociedade e Culturas*, n. 23, 2005, p. 91-124
- FLEURI, R. M. Palestra Proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire, 2005. Disponível em www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf Acesso em 18 jul.2017

- KOERNER, K. Questões que persistem em historiografia da linguística. Tradução de Cristina Altman. *Revista da Anpoll*, n. 2, p. 45-70, 1996.
- MARTINS, P. I. L. *Expressões idiomáticas: contributo para uma competência intercultural*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, 2012. 170p.
- PIMENTA, R. *A casa da mãe Joana 2*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- VALADARES, F. B. *Uso de estrangeirismos no Português Brasileiro: variação e mudança linguística*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo, 2014. 190p.
- VALADARES, F. B. Expressões idiomáticas em países lusófonos: a construção de efeitos de sentidos na intercultura. In: BRITO, R. P. de; BASTOS, N. B.; BRIDI, M. V. *Estudos Lusófonos: múltiplos olhares*. São Paulo: Terracota Editora, 2016a. (Coleção Lusofonia, 3). p. 145-171.
- VALADARES, F. B. Espaço lusófono: uso de expressões idiomáticas – efeitos de sentidos iguais em estruturas linguísticas diferentes. *Todas as Letras – Seção Dossiê*, v. 18, n. 1, p. 37-47, jan.abr.2016b.
- XATARA, C. Tipologia das expressões idiomáticas. *Alfa* (São Paulo), v. 42, p. 169-176, 1998.
- XATARA, C.; SECO, M. Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu. *Domínios de Linguagem*, v. 8, n. 1 (jan./jun. 2014) p. 502-519.
- URBANO, H. *Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares*. São Paulo: USP, 2008.

EXPRESIÓN IDIOMÁTICA E INTEGRACIÓN LUSÓFONA: UN ABORDAJE SOCIOLINGÜÍSTICO Y PRAGMÁTICO-CULTURAL

RESUMEN: El artículo analiza la expresión idiomática bajo el sesgo de abordaje sociolingüístico y pragmático-cultural. Parte de la idea, por nosotros defendida, de que hay una integración que consideramos como punto de contacto, legitimando una interconexión lusófona. Objetivo evaluar la expresión seleccionada en cuanto a la construcción de sentido común en Brasil, en Cabo Verde, en Mozambique y en Portugal, a fin de situarla en la misma perspectiva de sentido, probando su uso como intercultural. Adopta como referencial teórico Biderman (2011), Brito e Hanna (2010), Urbano (2008), Valadares (2016a, 2016b) e Xatara (1998, 2014). Utiliza como procedimiento metodológico la selección de textos periodísticos que contienen la expresión idiomática Dar el brazo a torcer y su análisis considerado el ámbito sociolingüístico y pragmático-cultural; concluye que la cultura lusófona está integrada a medida que se verifican aproximaciones culturales por medio de expresiones idiomáticas.

PALABRAS CLAVE: Lusofonía. Intercultura. Expresión idiomática.

ANEXO

BRASIL

Disponível em <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/64514/reporter-fotografica-fala-sobre-o-preconceito-de-genero-no-jornalismo>. Acesso em 11.mai.2014

Repórter fotográfica fala sobre o preconceito de gênero no jornalismo
Danubia Paraiz | 12/03/2014 17:10

Annaclarice Almeida começou sua carreira em uma das editorias mais masculinas do jornalismo: a área de polícia. Há quase 20 anos, em Pernambuco, o cenário não era dos mais animadores para mulheres que faziam esse tipo de cobertura, mas a repórter fotográfica não quis dar o braço a torcer. E não deu.

“Comecei no jornalismo em 1998, pela Folha de Pernambuco. Vivia muito em delegacia e demorou um tempo até conquistar o respeito dos colegas. Acabei enfrentando preconceito por ser mulher, mas consegui vencê-lo. O Nordeste, assim como todo o Brasil, já foi muito mais machista, mas está melhorando”, contou a jornalista durante a entrega do Troféu Mulher IMPRENSA, na última terça-feira (11/03).

Vencedora da categoria repórter fotográfica, Annaclarice dedicou o prêmio “a todas as mulheres de garra, que independentemente de sol, de chuva, continuam em busca de contar

histórias com emoção”. Dentre elas, a jornalista enumera uma série de reportagens intitulada “Vidas à Espera”, que fez em parceria com Adriana Reis. “Era um especial sobre adoção de crianças negras e como elas demoram mais para serem adotadas, isso quando não eram devolvidas, o que é um absurdo. Essa série me marcou muito”, finalizou.

CABO VERDE

<http://noticiasdonorte.publ.cv/20373/ministra-da-educacao-nao-resolve-incognita-sobre-atrasos-nas-obras/>. Acesso em 11.ago.2014

PUBLICADO A 13 DE FEVEREIRO DE 2014

Ministra da Educação não resolve incógnita sobre atrasos nas obras

A visita da Ministra da Educação e Desporto, Fernanda Marques, à ilha de São Nicolau tinha como um dos propósitos, esclarecer o atraso nas obras de construção da nova escola secundária do Tarrafal. Fernanda Marques não conseguiu desvendar a incógnita à volta da conclusão das obras e sobre a abertura da escola secundária. A Ministra da Educação e Desporto que tinha prometido a inauguração no início do ano lectivo, passou a batata quente para o empreiteiro, a empresa cabo-verdiana Tecnicil.

A Ministra da Educação e Desporto, aquando da preparação do ano lectivo 2014, sublinhou que a grande novidade a nível de estruturas de ensino, seria a abertura da Escola Secundária do Tarrafal de São Nicolau. Com o passar dos meses, as obras não avançaram e o deputado nacional do MpD eleito pelo círculo de São Nicolau, Nelson Brito, nas sessões do Parlamento passou a pedir explicações à ministra Fernanda Marques em nome da população de São Nicolau.

E nesta semana, a Ministra da Educação e Desporto realizou uma visita de três dias à ilha de São Nicolau e os atrasos nas obras de construção do novo Liceu do Tarrafal estiveram no centro das atenções. A ministra Fernanda Marques não esteve disposta a dar o braço a torcer para assumir os presumíveis erros cometidos pelo ministério que tutela e preferiu passar a batata quente para as mãos do empreiteiro da obra, a empresa cabo-verdiana Tecnicil.

“Aquilo que eu afirmei era verdade no momento em que o afirmei, porque não tenho por hábito, nem eu, nem o Governo de faltar à verdade” afirmou a ministra ao diário digital JSN.

Mistério

Questionada por esse online se o atraso teria a ver com dificuldades de tesouraria do empreiteiro ou por incumprimento do Estado, Fernanda Marques apenas respondeu que “vai ter de colocar as outras questões ao empreiteiro e não a mim”, adiantando que “há uma comissão técnica” composta pelos Ministérios das Infra-estruturas, da Educação e das Finanças “para fazer a avaliação das soluções”.

Fernanda Marques acrescentou que “eu trabalho com soluções e são essas que estão a ser equacionadas conjuntamente, para podermos acelerar e terminar a obra”. A Ministra defende que só depois da conclusão dos relatórios da missão conjunta dos Ministérios é que se vai pronunciar sobre essa questão. Sobre a data de conclusão das obras, sublinhou que “o Governo vai cumprir com os seus princípios para que o Liceu esteja pronto o mais rapidamente possível”.

MOÇAMBIQUE

Disponível em <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/15286-armas-nao-resolverao-problema-da-renamo> Acesso em 11.ago.2014

Empresários negociam encontro com Dhlakama - segundo presidente da CTA
Terça, 06 Maio 2014 00:26

Os empresários filiados na Confederação as Associações Económicas de Moçambique (CTA) estão dispostos a encontrar-se com o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, para apelá-lo directamente a cessar os ataques armados que promove no centro do país.

A intenção foi ontem revelada por Rogério Manuel, presidente da CTA, para quem se a Renamo for, de facto, partido para o povo, como alega, deve entender-se com o Governo na mesa do diálogo e não por via de ataques armados, tal como vem fazendo.

O único entrave a esse encontro entre os empresários e o líder da Renamo é o facto de não se saber ao certo a localização de Afonso Dhlakama e haver poucas esperanças dos membros daquele partido em Maputo aceitarem juntar as duas partes.

Rogério Manuel chamou igualmente o Executivo no sentido de dar o "braço a torcer" no sentido de rapidamente se restabelecer a estabilidade no país.

Para o presidente da CTA, os ataques retomados no fim-de-semana no troço entre Muxúnguè e rio Save não abonam em nada o país e só deitam por terra os investimentos financeiros realizados pelo empresariado nacional, principalmente nas zonas rurais.

A título de exemplo, o responsável máximo da CTA disse ter enormes investimentos na área agro-pecuária, incluindo fábrica de descasque de arroz, em zonas rurais, o que poderá ser afectado em caso da intensificação da guerra.

PORTUGAL

Disponível em http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content_id=3833344
Acesso em 11.mai.2014

AJUDA EXTERNA

Portugal foi a terceira peça do dominó a tombar na crise do euro por Lusa, editado por Paula Mourato 28 abril 2014 [2 comentários](#)

Portugal foi, há três anos, o terceiro Estado-membro da zona euro a ver-se forçado a solicitar ajuda externa, atingido pelo chamado "efeito dominó" da crise da dívida soberana, que chegou a ameaçar o próprio projeto do espaço monetário único.

A crise financeira, que começou a atingir seriamente países do euro em 2009, com os mercados em alerta vermelho, começou por atingir a Grécia, o Estado-membro mais vulnerável devido a uma economia com grandes desequilíbrios, cuja realidade foi posta a descoberto, assim como a famosa "batota" nas contas públicas que transmitia a Bruxelas.

Depois de a Grécia ter de pedir um (primeiro) resgate, em maio de 2010, seguiu-se a Irlanda, em novembro do mesmo ano, e Portugal, em abril de 2011, registando-se como elemento comum a todos estes pedidos de assistência a recusa dos governos em admitirem a sua necessidade até ao limite, adiando por alguns meses a inevitabilidade do "SOS".

O efeito de contágio ia-se alastrando, pondo também a nu a ausência de instrumentos ao nível da União Europeia para fazer face a uma crise de tais dimensões -- só nos anos seguintes seriam dados passos no sentido da construção de uma união bancária e de mecanismos de estabilização -, e chegou-se a temer que o "dominó" arrastasse peças-chave da economia



européia, como Espanha e Itália, tendo muitos analistas, dentro e fora da Europa, antecipado mesmo a desintegração do euro.

O primeiro resgate na zona euro devido à crise financeira e económica foi protagonizado pela Grécia, com o governo então liderado pelo socialista George Papandreou a "dar o braço a torcer" após muitos meses de "negação", e perante forte pressão dos seus parceiros europeus, e a pedir um pacote de assistência financeira de 110 mil milhões de euros.

Os problemas haviam começado cerca de dois anos antes, quando os mercados reagiram sem misericórdia à revelação de que a Grécia fizera "batota" durante anos a fio com as estatísticas, ocultando os números do défice.

Envio: Setembro/2017

Aceito: Outubro/2017